



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

Passado e presente na narrativa jornalística: um infográfico interativo sobre os 50 anos do Golpe de 1964

FRIDERICHS, Bibiana de Paula (Doutora)¹

WINQUES, Kérley (Graduada)²

Universidade de Passo Fundo/Rio Grande do Sul

Resumo: O presente artigo³ tem como objetivo estudar o especial multimídia disponibilizado pela Folha de São Paulo, em 05 de janeiro de 2014, sobre os 50 anos do Golpe de 1964. Para isso tal investigação constitui-se de 02 etapas: 1) uma revisão bibliográfica sobre as relações entre mídia e sociedade, especialmente no que tange a cibercultura, sua linguagem e características, e os novos formatos multimídia do jornalismo frente as tecnologias digitais; 2) a apreciação do especial multimídia sobre os 50 anos do Golpe, a partir da retirada e comparação das chaves de leitura encontradas no referencial teórico. A análise permite a observação de que o material se constitui de um conjunto de infográficos interativos, articulados a partir de um banco de dados comum, apresentando-se como uma nova forma narrativa jornalística, onde a notícia se torna dinâmica e repleta de elementos que a tornam visual e heterogênea, sem deixar de ser jornalismo.

Palavras-chave: Mídia Digital; Cibercultura; Webjornalismo; Infográfico; Golpe Militar.

1. Webjornalismo interativo

A contemporaneidade se constitui a partir de uma sociedade informatizada e globalizada, onde o capitalismo estabeleceu-se como modelo econômico predominante. Sua manutenção é um dos elementos chaves para compreender porque as pessoas ansiosamente desejam adquirir novidades tecnológicas de informação. Conforme afirma Sodré (2006, p. 29), "é o que se explicita na realidade do mercado: o sujeito é sempre individual e só existe socialmente enquanto tem algo para comprar ou vender, ou pelo menos assim pense". Nesse sentido, tais tecnologias emergem para suprir essas

1 Professora Doutora dos cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda da Universidade de Passo Fundo. E-mail: bibiana@upf.br

2 Graduada pelo Curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo (UPF – Passo Fundo – Rio Grande do Sul). E-mail: ker.winqes@gmail.com.

³ O presente artigo é parte de uma pesquisa em andamento sobre o especial multimídia enquanto narrativa jornalística, sua estrutura e linguagem. As reflexões apresentadas representam os passos iniciais dessa investigação, que é compreender, sobretudo, a relação entre o que já foi levantado sobre o tema e os modelos disponíveis para acesso e leitura.



demandas, uma vez que, por meio delas, podem-se encontrar notícias⁴ e informações em tempo real, na mesma medida em que permitem a sensação constante de conexão, tanto com o mundo, de modo geral, quanto com o outro.

Televisão, rádio, jornal, revista e internet. Meios ou plataformas de comunicação que compõem os suportes tecnológicos por meio dos quais o discurso midiático se revela, e que possibilitam à sociedade manter-se informada sobre o que acontece ao seu redor, onde tudo é instantâneo e está em movimento. Segundo Castells, vive-se hoje a era da informação, onde as tecnologias constituem uma nova estrutura social em rede:

A era da informação é nossa era. É um período histórico caracterizado por uma revolução tecnológica centrada nas tecnologias digitais de informação e comunicação, concomitante, mas não causadora, com a emergência de uma estrutura social em rede, em todos os âmbitos da atividade humana, e com interdependência global desta atividade (CASTELLS, 2006. p. 225).

A internet trouxe uma nova perspectiva da realidade, as fronteiras foram diluídas permitindo ao homem explorar novas formas de interação. Para Augé, o resultado disso é a sensação de que o planeta se encolhe. “Estamos na idade do imediatismo e do instantâneo. A comunicação se produz na velocidade da luz” (2006, p. 105) e essa propagação faz com que os continentes, os países, interajam uns com os outros, e permite às pessoas conhecerem diferentes culturas. Segundo Kellner, “hoje, em todo o planeta, mesmo nos países em desenvolvimento, vivemos em uma sociedade de infoentretenimento cada vez mais expansiva, uma economia interligada em rede e uma nova tecnocultura da Internet.” (2006, p. 144).

A internet, hoje, é uma das principais plataformas que o ser humano usa para se comunicar, se informar, guiar-se e interagir. Para Lévy (2000), a cultura é uma rede, formada de correspondências entre sistemas simbólicos. Esse sistema constitui a dimensão do sentido do homem, que atualiza essa cultura. As pessoas a cada dia buscam a inovação, dentro deste contexto de criação, Lévy (2000) fala que os humanos adaptam, reparam e transformam esses sistemas simbólicos. É nessa adaptação e transformação dos símbolos que nasceu a cibercultura.

⁴ Segundo Juarez Bahia, "a notícia, como a boa informação jornalística, deve reunir interesse, importância, novidade e veracidade" (p. 175).



Nesse sentido cibercultural, Lemos (2003) desenvolve três leis da cibercultura. A primeira é chamada de lei da reconfiguração, que trata de reconfigurar práticas e espaços, sem substituir seus antecedentes. A segunda lei, liberação do polo da emissão, está presente nas formas de relacionamento social, de disponibilização de conteúdo e na circulação opinativa da rede. E na terceira e última lei, chamada lei da conectividade generalizada, as diferentes redes sociotécnicas contemporâneas apontam que é plausível estar só sem estar isolado.

Um conjunto de nós é encontrado na internet, que são o hipertexto, materializado em sites, blogs, redes sociais, canais etc, através dos quais é possível navegar. Lévy (1993) observa seis princípios para o hipertexto. O primeiro é o *princípio da metamorfose*, cujos preceitos destacam que a rede hipertextual está em constante construção e renegociação. O segundo princípio, o da *heterogeneidade*, revela que é possível encontrar diferentes modalidades que compõem as estruturas da memória, que seriam as imagens, os sons, as palavras, as diversas sensações, os modelos etc, reunidas em um único produto. O terceiro princípio proposto por Lévy (1993) é o da *multiplicidade e de encaixe das escalas*, no qual os nós ou as conexões, quando avaliados, podem ser compostos por toda uma rede. No quarto, o *princípio da exterioridade*, o autor aponta que o tecido da rede não tem nenhuma unidade orgânica nem motor interno, é alimentada externamente. No quinto princípio, o da *topologia*, tudo funciona por proximidade, a direção dos acontecimentos é uma questão de disposição dos elementos que integram a rede. No sexto e último princípio, chamado princípio da *mobilidade dos centros*, Lévy (1993) observa que a rede possui permanentemente múltiplos centros, e esses são móveis, saltando de um lado para outro.

Depois dos seis princípios citados por Lévy, é importante observar que o hipertexto assim se articula porque é formado por links, e são esses links que conduzem que permitem ao usuário navegar na rede, caracterizando essa relação como um processo interativo, como lembra Machado (2013). Tal concepção é corroborada por Primo e Cassol (2013), quando afirmam que é a através do computador – que os usuários podem colaborar modificando a forma e o conteúdo das mensagens disponíveis na rede em tempo real. Machado, em seu artigo, faz referência ao autor Cannito, que classifica a interatividade em três níveis diferentes:



Reativa: O espectador reage ao vídeo fazendo escolhas predefinidas pelo produtor e não é considerado uma interação elevada.

Coativa: É possível o controle do ritmo, da sequência e o estilo do programa assistido.

Proativa: Considerado um alto grau de interatividade, o usuário pode tanto mudar a estrutura quanto o conteúdo do vídeo, tornando-se também um produtor alimentando o ambiente com suas criações audiovisuais. (CANNITO apud MACHADO, 2013, p. 04).⁵

Trata-se de três níveis de relação entre os interlocutores e as mensagens por eles compartilhadas, tornando cada um deles criador do conteúdo, responsável por decidir os caminhos da notícia, e usando de diferentes recursos pode construir diferentes direções para seguir. Nesse ambiente, Primo avalia a questão, apontando que “se antes participação rimava com discussão, hoje participar rima com apontar-clicar. Nesse cenário, quanto mais “clicável” é um *site*, mais interativo ele será considerado (mesmo que todas as reações dos *links* e botões já estejam determinadas na programação/previsão)” (2013, p. 03).

Há muitos canais através dos quais é possível distribuir informações para o público, tais como o jornal impresso, a televisão e a rádio. Entretanto, todos eles podem ser ressignificados com a chegada da internet, que vem se tornando uma das grandes plataformas de comunicação contemporânea, onde o jornalismo, como tantas outras atividades sociais, se faz presente. Para Longhi (2013), às mudanças tecnológicas, sociais e econômicas que provocaram a imprensa tradicional a desenvolver novas formas de atrair leitores e mantê-los, especialmente, a partir de novas dinâmicas na produção de conteúdo. Agora o texto se conecta ao áudio da rádio, às imagens da televisão e as fotos do impresso. Nesse sentido, Longhi (2013) diz que o espectro da convergência, no cenário do webjornalismo, é ampliado para a circulação e, ao citar González (2013), afirma que quando um meio inicia a convergência, busca aumentar as possibilidades de compartilhamento da informação através de todos os meios possíveis.

Para Canavilhas, “no webjornalismo não faz qualquer sentido utilizar uma pirâmide, mas sim um conjunto de pequenos textos hiperligados entre si” (2013, p.03). Segundo o autor, recorrendo à técnica da pirâmide invertida⁶, o leitor apenas pode

⁵ Essa classificação do autor é feita principalmente em relação a vídeos

⁶ Segundo Canavilhas, “A técnica da pirâmide invertida pode resumir-se em poucas palavras: a redação de uma notícia começa pelos dados mais importantes – a resposta às perguntas O quê, quem, onde,



efetuar a leitura seguindo o roteiro definido pelo jornalista, e a interatividade não se torna tão presente no texto, já que ele segue uma linha de pensamento. Na web, destaca o autor, o jornalismo precisa usar da liberdade que ela lhe oferece, que é a de criar caminhos diferentes e utilizar recursos hipermediáticos. E “em lugar de uma notícia fechada entre as quatro margens de uma página, o jornalista pode oferecer novos horizontes imediatos de leitura através de ligações entre pequenos textos e outros elementos multimídia organizados em camadas de informação” (CANAVILHAS, 2013, p. 07). Assim surge a pirâmide deitada:

Propõe-se uma pirâmide deitada com quatro níveis de leitura:

A Unidade Base – o lead – responderá ao essencial: O quê, Quando, Quem e Onde. Este texto inicial pode ser uma notícia de última hora que, dependendo dos desenvolvimentos, pode evoluir ou não para um formato mais elaborado. O Nível de Explicação responde ao Por Quê e ao Como, completando a informação essencial sobre o acontecimento.

No Nível de Contextualização é oferecida mais informação – em formato textual, vídeo, som ou infografia animada – sobre cada um dos W’s. (CANAVILHAS, 2013, P.15)

O Nível de Exploração, o último, liga a notícia ao arquivo da publicação ou a arquivos externos. “Da mesma forma que a “quebra dos limites físicos” na web possibilita a utilização de um espaço praticamente ilimitado para disponibilização de material noticioso, sob os mais variados formatos (multi)mediáticos, abre-se a possibilidade de disponibilização online de todas a informação anteriormente produzida e armazenada, através de arquivos digitais, com sistemas sofisticados de indexação e recuperação de informação” (PALÁCIOS apud CANAVILHAS, 2013, p. 15-16).

Para Canavilhas (2013), a pirâmide deitada é libertadora. O utilizador tem a possibilidade de navegar dentro da notícia, fazendo a sua leitura pessoal, o jornalista pode montar um conjunto de recursos estilísticos que, em conjunto com conteúdos multimídia, permitem inovar o webjornalismo em cada notícia, oferecendo a liberdade de novos caminhos em cada texto.

A evolução na comunicação juntamente com a chegada da internet e a criação dos cibermundos fez nascer a interatividade e o webjornalismo evoluiu junto com essa linguagem de signos da web, surgindo até mesmo uma nova forma de estruturar a notícia, a chamada pirâmide deitada. Nessa adaptação do jornalismo à internet e considerada a exigência de seus usuários, foi necessário que novas formas de construção



da notícia fossem adotadas na comunicação. Os recursos de infografia vêm fazendo parte das informações desse ciberjornalismo.

As novas tecnologias proporcionam infográficos cada vez mais completos e interativos, essa é uma forma inovadora de passar informações no webjornalismo. Teixeira cita Errea e afirma que “O poder da infografia é imenso e significa literalmente que há um mundo de formatos a explorar. Em definitivo, a chave está tanto nas histórias que se contam – o segredo de sempre – e em como se contam. A novidade: adequar as histórias a uma narrativa” (ERREA apud TEIXEIRA, 2010, p. 30).

Considerada uma narrativa jornalística por Teixeira (2010), o infográfico constitui a união de texto com a imagem para explicar um fato ou complementar reportagens e notícias, além de ser usado para explicar casos ou conteúdos de difícil compreensão para o público. Em um infográfico se o texto for separado da imagem não será mais infografia, uma vez que a ausência de um desses dois elementos exclui a possibilidade de compreensão do texto. A autora ainda afirma que “um bom infográfico costuma contar com recursos visuais diversos como fotografias, mapas, tabelas, ilustrações, diagramas entre outros” (TEIXEIRA, 2010, p. 33).

A partir dessa descrição de narrativa e elementos da infografia, Teixeira (2010) divide os infográficos em dois grandes grupos: os enciclopédicos e os jornalísticos. Os enciclopédicos têm caráter mais universal, explicam o funcionamento do corpo humano, o que é ciranda financeira, e muitas outras questões ligadas à ciência, à economia e ao meio ambiente, dentre outros. Já os jornalísticos estão ligados a aspectos mais singulares, tais como fatos, ideias ou situações. Essa singularidade é aquilo que faz com que determinado fenômeno seja único, de tal forma que um infográfico construído para demonstrar um acidente dificilmente será usado em outros acidentes, uma vez que não acontecem acidentes exatamente iguais, com a mesma história ou causa.

Após essa divisão em grandes grupos, Teixeira ainda divide os infográficos em complementares e independentes. O complementar “diz respeito àqueles infográficos que estão diretamente vinculados a uma determinada notícia ou reportagem, atuando, nesse caso, como um mecanismo para melhorar a compreensão de algo, possibilitando a contextualização mais detalhada” (2010, p. 52). Este costuma ser indispensável na matéria, pois trás esclarecimentos que seriam maçantes ou confusos se fossem explicados usando uma narrativa textual. Já os independentes segundo Teixeira (2010),



são caracterizados por não acompanharem reportagens ou notícias, geralmente são respostas a curiosidades e ainda usados para explicar e sistematizar informações, seja fenômenos biológicos ou físicos, inovações tecnológicas, e assim sucessivamente. Ainda sobre esse último tipo, a autora destaca sua aproximação com o grupo jornalístico, destacando que eram raros até recentemente e que “Aparecem como uma forma diferenciada de narrar um acontecimento jornalístico, na maioria das vezes através de vários recursos que, em conjunto compõem um infográfico complexo.” (TEIXEIRA, 2010, p. 56).

Teixeira (2013) e Figueiredo (2013) defendem uma relação entre forma e conteúdo. A primeira elenca “as características que podem transformar a infografia digital em um gênero jornalístico visual a partir da (1) utilidade (informativa, significativa, funcional e concordante) e da (2) visualidade (compreensível, estética, icônica, reológica – o estudo do seu dinamismo – e tipográfica verbal)” (2013, p. 7).

A hipertextualidade está cada vez mais presente no jornalismo, pois ela abre caminhos diferentes para o leitor, que pode escolher de que forma quer dar sequência à sua leitura. O hipertextual proporciona a interatividade, assim, os infográficos inseridos na web se tornam cada vez mais interativos, usando dos mais variados elementos e ferramentas. A infografia, assim como o jornalismo, quebra seus modelos com as antigas formas de produção da notícia. A evolução da internet proporciona à informação mais dinamismo, assim, podem ser acrescentados diferentes elementos, unindo movimento e interação.

1.2 Análise

Inicia-se agora a análise do infográfico sobre os 50 anos do Golpe de 1964⁷, que instaurou a Ditadura Militar no Brasil. O material foi publicado pela Folha de São Paulo no dia 05 de janeiro de 2014. Trata-se de um especial multimídia que faz um convite ao leitor para navegar e conhecer os momentos e as circunstâncias que levaram a deposição do Presidente João Goulart, unido assim um conteúdo histórico e uma nova narrativa através da qual ele pode ser apresentado.

⁷ <http://arte.folha.uol.com.br/treinamento/2014/01/05/50-anos-golpe-64/>



50 anos do Golpe Militar de 64

*"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"*

A Folha de São Paulo, tradicional jornal brasileiro do Grupo Folha, fundado em 1921, também possui um portal de notícias brasileiro: <http://www.folha.uol.com.br/>. O site destaca-se por sua credibilidade com relação as informações, e por seu conteúdo multimídia.

Para a análise do especial multimídia citado observamos as seguintes chaves de leitura encontradas no item inicial desse trabalho: a) princípios do hipertexto, segundo Levý; b) tipos de infográficos, baseando-se principalmente nas reflexões de Teixeira; c) visualidade e utilidade, segundo Teixeira e Figueiredo; d) interatividade, conforme Primo; e e) pirâmide deitada, citada por Canavilhas.

1.2.1 Infografia 50 anos do Golpe de 1964⁸

A partir da observação inicial percebemos que o especial multimídia é constituído por 03 infográficos interativos, mesclando animações, textos, vídeos e fotos. O material foi criado pela 56ª turma do Programa de Treinamento da Folha. Seu design e cor amarelada remetem a capa de um jornal antigo, e, ainda recorrendo a esta referência, estruturam as informações em torno de uma manchete principal, com lead e foto. Entretanto, à medida em que navegamos no especial, percebemos a redução dessas semelhanças, e a proposição de uma outra narrativa jornalística.

⁸ Disponível em: <http://arte.folha.uol.com.br/treinamento/2014/01/05/50-anos-golpe-64/>



50 anos do Golpe Militar de 64
*"A história que a mídia faz,
 conta ou não conta"*

FOLHA DE S. PAULO

FOLHA DE S. PAULO

Um jornal a serviço do Brasil

50 ANOS DO GOLPE DE 1964

Em 2014, o golpe que instaurou a ditadura militar no Brasil completa 50 anos. Navegue pela página para conhecer os momentos e as circunstâncias que levaram à deposição do presidente João Goulart.



Figura 1: <http://arte.folha.uol.com.br/treinamento/2014/01/05/50-anos-golpe-64/>

Acessando o ícone “Golpe Militar de Hora a Hora” são encontradas diversas animações que contam os dias e horários desde que João Goulart deixou o Palácio das Laranjeiras até o dia em que o general Humberto de Alencar Castello Branco é nomeado presidente da República pelo Congresso Nacional. Voltando até a página inicial do infográfico encontram-se três ícones, o primeiro trata de “Quem é quem”, ao clicar o leitor depara-se com um círculo com a foto central de João Goulart, e envolto por 53 nomes, são militares, políticos e civis mais importante no Golpe Militar, cada nome abre uma pequena janela com a foto e descrição da pessoa.

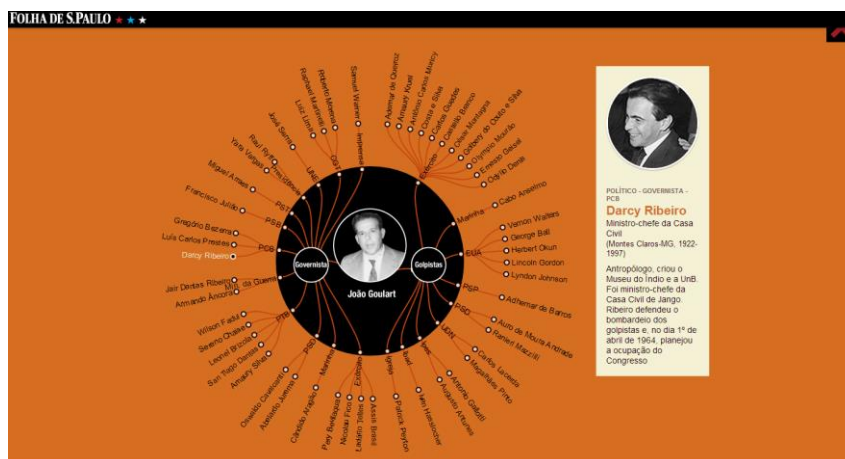


Figura 2: <http://arte.folha.uol.com.br/treinamento/2014/01/05/50-anos-golpe-64/>



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

No segundo ícone, que trás “Intervenções Militares” uma prateleira de livros se abre e em cada um deles os dez momentos em que as forças armadas atuaram na política antes do Golpe. E por fim, “O que mudou em 50 anos” é um link que leva à uma série de animações, mapas, dados, vídeos, desenhos e fotos que mostram as mudanças que ocorreram de 1964 até os dias de hoje.

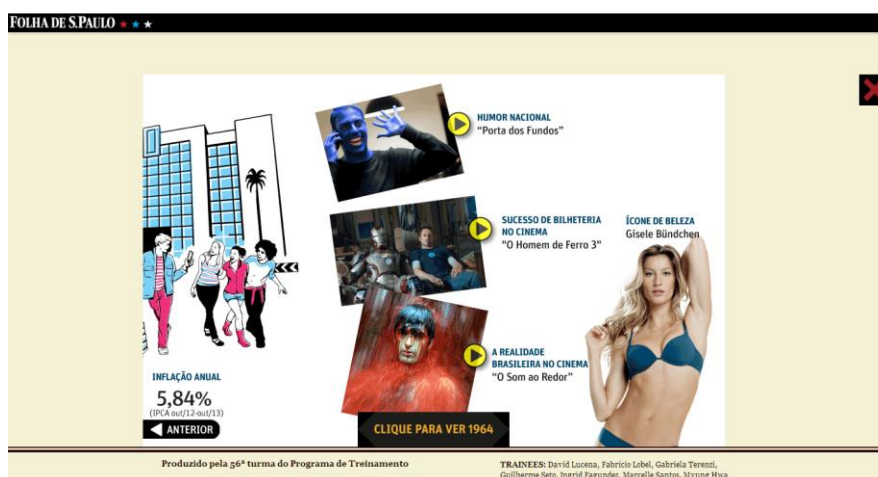


Figura 3: <http://arte.folha.uol.com.br/treinamento/2014/01/05/50-anos-golpe-64/>

a) Quanto aos princípios do hipertexto

Considerando as observações de Levy (1993) sob características da cibercultura e à sua linguagem propriamente dita, identificamos os princípios do hipertexto no especial multimídia.

A heterogeneidade revela-se a partir do conjunto dos materiais apresentados, onde é possível encontrar as diferentes modalidades que compõem as estruturas da memória, quais sejam imagens, vídeos, fotos, ilustrações, animações e palavras, que não concorrem, mas dialogam entre si. O texto verbal se manifesta principalmente em forma de legenda, que surge na medida em que o usuário avança na leitura. As fotos são usadas principalmente para mostrar antigos participantes do momento histórico em que vivia o Brasil. As animações e ilustrações apresentam os acontecimento que não foram fotografados ou filmados. E, por fim, as imagens em movimento são utilizadas para evidenciar o que mudou nesses 50 anos.

O princípio da multiplicidade e de encaixe das escalas aparece em contiguidade ao anterior (da heterogeneidade), uma vez que essa diversidade de estruturas, linguagens e suportes está em convergência, gerando múltiplas informações conectadas



umas nas outras pela lógica da proximidade e associação (topologia). Tem-se assim uma rede de nós. É também esta natureza de nós, que permite a evidência do princípio da metamorfose, embora neste caso, de modo limitado, pois o usuário pode ir daqui ali, por diferentes links, construído caminhos distintos e reconfiguráveis durante a navegação, o que o torna co-autor do texto acessado (princípio da exterioridade por meio da interação). Mas limitado porque não há conexão entre os infográficos. Cada qual está encerrado em si mesmo, restringindo também a mobilidade dos centros, pois a cada novo acesso, há um conjunto circunstancial de possibilidades de navegação, reduzido pela ausência de alguns nós. Essa condição também revela a fragilidade dos aspectos de topologia no material apresentado, uma vez que conteúdos que revelam uma relação de proximidade não estão conectados uns aos outros, por meio dos links. Nesse caso, toda narrativa está ligada à página inicial do infográfico e, após o nível inicial de acesso (como veremos a seguir), parece não haver uma predominância estrutural deste ou daquele conteúdo.

b) Quanto ao tipo de infográfico

Por ser constituído de 03 infográficos, este especial multimídia pode ser observado sobre 02 aspectos diferentes: a) por um lado, o conjunto multimídia, pode ser considerado independente, já que foi criado em uma página específica para ele, não tem uma reportagem que o antecede ou que faça parte da mesma página; b) por outro, como se trata de um conjunto de 03 infográficos, um torna-se complementar ao outro, já que não há um novo nível introdutório para cada um.

Trata-se ainda de um infográfico jornalístico, pois está ligado a um aspecto mais singular, um fato ou uma situação real, de interesse do público principalmente por fazer parte da história brasileira. Essa singularidade é aquilo que faz com que esse Golpe de 1964 seja único, não sendo possível, por conseguinte, que esse infográfico fosse usado para demonstrar outro Golpe Militar, que dificilmente aconteceria da mesma forma.

c) Quanto à visualidade e à utilidade



Este especial multimídia e interativo pode ser considerado uma infografia com a característica da visualidade. As animações da reconstituição do golpe torna esse um infográfico visual, as pessoas seguem a leitura e encontram fotos, legendas, vídeos, criando todo um conceito histórico do acontecimento. Sentem-se presas à mensagem visual e interativa que o infográfico proporciona aos olhos do leitor.

d) Quanto à interatividade

A relação entre o usuário e a narrativa pode ser considerada uma interatividade no nível coativo, no qual “É possível o controle do ritmo, da sequência e o estilo do programa assistido.” (CANNITO, apud MACHADO, 2013, p. 04), ou seja, o espectador reage à animação, fazendo escolhas do conteúdo que mais chamou sua atenção no momento do acesso ao infográfico. Dessa forma, é considerada uma interação de nível médio, pois em uma interação mais elevada o leitor poderia mudar o conteúdo, mas, apesar disso o leitor pode escolher o caminho que deseja seguir.

e) Pirâmide deitada

Tendo por base o conceito de pirâmide deitada de Canavilhas, é possível observar que esse infográfico oferece a possibilidade de seguir diversos eixos de leitura e uma navegação livre, pois o leitor pode optar por ler somente o que lhe interessar sobre o Golpe de 1964, buscar novamente informações já consultadas ou percorrer um caminho ressignificado a cada acesso.

Considerando-se os quatro níveis da pirâmide deitada proposta por Canavilhas, pode-se constatar que esse infográfico se organiza da seguinte forma: na unidade de base, tem-se o quê? Os 50 anos do Golpe; quando? No ano de 1964, comemorando-se 50 anos em 2014; quem? João Goulart, militares, civis e políticos; onde? Brasil. Dentro do formato mais elaborado, que é toda construção de cada janela da infografia, essas informações estão claras na capa da narrativa, mas, vão se desenvolvendo ao longo da infografia. No “nível da explicação” temos o “porquê”, que estaria construído no ícone “O Golpe Militar Hora a Hora”, e o como, está explicado através de diversas ilustrações que narram o passo à passo dos militares até o poder do general Humberto de Alencar Castello Branco é nomeado presidente da República pelo Congresso Nacional. No nível



da contextualização, a informação está ligado aos diversos elementos usados para a construção da narrativa. E, por último, no nível da exploração, tem-se que a infografia foi criada para que o leitor tenha um entendimento claro do que foi o golpe, mas principalmente as mudanças que ocorreram nos 50 anos do Golpe Militar.

1.3 Considerações finais

Depois do estudo proposto, dois aspectos destacam-se nas considerações que podem ser tecidas: 1) a relação entre a produção de conteúdo jornalístico e a disponibilidade de bancos de dados onde o passado e o presente possam ser cruzados instantaneamente, potencializa-se com a chegada das mídias digitais, como bem lembrou Suzana Barbosa (2008). Segundo a autora, as bases de dados são definidoras da estrutura e da organização, bem como da apresentação dos conteúdos de natureza jornalística, tornando-se uma forma cultural simbólica que permite o resgate do passado histórico, por exemplo, a partir de uma nova combinação, estruturada pelos nós e pela interatividade e potencializada pelos especiais multimídia. Dessa forma, a notícia se torna dinâmica e repleta de elementos que a tornam visual e heterogênea, possibilitando, pela diversidade de informações conectadas e de caminhos disponíveis a ressignificação dos conteúdos e até da memória histórica. Entretanto, devido à complexidade dessa abordagem, a contemplaremos em outro momento da pesquisa, quando os diferentes referências teóricos já estiverem sido levantados e articulados.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo Popular*. São Paulo: Contexto, 2006.

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Trad. de Estela dos Santos Abreu, Cláudio C. Santoro; Revisão técnica Rolf de Luna. – 16. ed., Campinas, SP: Papyrus, 2012.

BARBOSA, Suzana de Oliveira. *Jornalismo Digital em Ambientes Dinâmicos. Propriedades, rupturas e potencialidades do Modelo JDBD*. In: *Observatorio (OBS*) Journal*, 4 (2008).

CANAVILHAS, João. *Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>. Acesso em: 06 maio 2013.

CASTELLS. Manuel. *Inovação, liberdade e poder na era da informação*. In: MORAES,



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

Dênis de. *Sociedade midiaticizada*. (Org.) Trad. de Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Cambria Guedes, Lucio Pimentel. Rio de Janeiro: Mauad 2006. p. 225-231.

FIGUEIREDO, Suely. *Analisando infográficos*. Disponível em:
http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/iiisbpjour2005_-_cc_-_tattiana_teixeira_-_suely_figueiredo.pdf. Acesso em: 06 de maio de 2013.

KELLNER, Douglas. Cultura da mídia e triunfo do espetáculo. In: MORAES, Dênis de. *Sociedade midiaticizada*. (Org.). Trad. de Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Cambria Guedes, Lucio Pimentel. Rio de Janeiro: Mauad 2006. p. 119-147.

LEMONS, André. *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo, Editora 34, 1999.

_____. A internet e a crise do sentido. In: PELLANDA, Nize Maria Campos e PELLANDA, Eduardo Campos. *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. p. 21-35

LONGHI, Raquel Rither. *Webnotícia e linguagem hipermídia: como conta o jornalismo online*. Disponível em: <http://posjour.ufsc.br/files/2012/01/projeto-RAQUEL.pdf>. Acesso em: 26 maio 2013.

MACHADO, Augusto, SANTOS, Layse e Tanaka, Misaki. *O potencial do vídeo interativo nas novas mídias*. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0935-1.pdf>. Acesso em: 07 maio 2013.

PRIMO, Alex; CASSOL, Márcio. *Explorando o conceito de interatividade: definições e taxonomias*. Disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/6286/3756> Acesso em: 07 maio 2013.

SELIGMAN, Laura e COZER, Karis Regina Brunetto. *Jornais Populares de qualidade: ética e sensacionalismo em um novo padrão do jornalismo de interior catarinense*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-jornais-seligman.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2013.

SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco*. Um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

TEIXEIRA, Tattiana. *Infografia e jornalismo: conceitos, análises e perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2010.

_____. *Metodologias de Pesquisa sobre Infografia no Jornalismo Digital - uma análise preliminar*. Disponível em:
http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/coordenada_2_-_tattiana_teixeira.pdf. Acesso em: 06 de maio de 2013